

AS INFLUÊNCIAS DO PORTUGUÊS (L1) NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO INGLÊS (L2)

Victor Ramos da Silva (FEUC)
victorramossilva@gmail.com

1. Introdução

A mesma gramática universal que permite a uma criança bem pequena, através de combinações e testes, desenvolver sua língua materna, também permite a um indivíduo, de qualquer idade, adquirir e produzir uma segunda língua, língua estrangeira ou L2, como visto no capítulo anterior.

Tendo em vista que o mecanismo para a ativação de todas as funções do dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) é a exposição à língua materna, qualquer língua que seja aprendida posteriormente a ela sofrerá influências inquestionáveis. A transição desses elementos é fundamental para que o aprendiz consiga compreender o processamento da língua estrangeira alvo, pois, conforme Figueiredo (1995, p. 42) “[...] o indivíduo irá se apoiar na estrutura da L1 para produzir a L2”.

Partindo do estabelecido acima, observa-se que, ao adquirir uma língua estrangeira, o aprendiz usa como base sua língua materna. Tudo o que, de alguma forma, for similar entre as línguas é transferido, e as estruturas não similares causam interferência negativa e produção de enunciados agramaticais. Sendo assim, a língua materna influencia diretamente o aprendizado de uma L2 através de transferências de elementos similares e interferências de elementos diferenciadores.

Dessa maneira, de acordo com Venturi (*apud* DEL RÉ, 2008) as influências podem ser identificadas nos campos semântico-pragmáticos, cultural, fonético-fonológico, e morfossintático. Esse último aspecto será aquele em que concentraremos esta pesquisa.

2. As influências semântica, pragmática e cultural

Pesquisas sobre a construção de sentido na aquisição de uma segunda língua com base nos atos de fala, tais como reclamações, agradecimentos, elogios e sugestões, vêm despertando o interesse na área de estudos de línguas.

Cada ato de fala é uma situação específica de uso linguístico que faz com que o falante tenha de “lançar mão” de certos enunciados pertinentes àquela situação. Sendo assim, o falante usa diversas categorias de enunciados de acordo com o momento de uso.

É comum, dentro da concepção de ensino comunicativo de línguas estrangeiras, a presença de situações de uso nos materiais didáticos, justamente pela preocupação em instrumentalizar o aprendiz aos diferentes contextos de uso e desenvolver seus atos de fala.

Quando falamos sobre aquisição de línguas estrangeiras em ambiente diferente ao de sala de aula; como, por exemplo, o de uma pessoa que viaja para país de língua diferente da materna com o objetivo de aprendê-la, haverá uma observação do aprendiz sobre os atos de fala em situações de contextualização de frases, expressões e palavras. O aprendiz lembrará que certos enunciados tem relação com certos contextos.

Dessa forma, “[...] no uso da linguagem são expressos elementos típicos de uma determinada comunidade” (VENTURI, 2008, p. 137). Compreendemos, portanto que, na L1, o falante deixa impresso em seu discurso seus valores pessoais, culturais, crenças etc. E, na construção de seu discurso em língua estrangeira, deixará transparecer as influências características do seu em língua materna, pois mesmo que haja um sistema linguístico bastante diferente da L1, o aprendiz, ao usar uma L2, usará o mesmo empregado em sua L1, pois o discurso pessoal é único.

Um caso de influência que se insere no campo pragmático no campo pragmático é o do artigo definido ser usado diante de nome próprio como expressão de proximidade/intimidade entre falantes do português brasileiro, como em “O Pedro é meu vizinho* / Pedro é meu vizinho; em que, no primeiro, percebemos haver notadamente a expressão da referida familiaridade. A transferência desse uso para a língua inglesa “*The Pedro is my neighbour**” consiste em uma oração agramatical, pois não é possível a ocorrência de artigo definido diante de nomes próprios.

Além disso, também há interferência pragmática, quando observamos, em português o uso de “Saúde!” e em inglês “Bless you!” quando um falante espirra. Nesse caso, existe uma variação lexical, tendo em vista que a expressão *bless you* significa literalmente “seja abençoado”. Contudo o aprendiz, quando exposto à situação de uso em que “*Bless you!*” seja equivalente ao de “Saúde!” do português, entenderá que, naquele contexto, aquela expressão seja a equivalente a usada em sua língua materna, mostrando que pode haver influências culturais da L1 que

contribuam para o entendimento da pragmática da língua estrangeira.

Ainda com respeito à pragmática, usar-se-á, como exemplo, a seguinte situação: tanto em português quanto em inglês, quando alguém espirra, existe uma expressão convencionada para essa situação específica; no português, é comum dizer “saúde” e no inglês “*bless you*”. Nesse caso, existe uma variação lexical; tendo, em vista, que a expressão “*bless you*” significa, literalmente, “seja abençoado”. Contudo, o aprendiz, quando exposto a uma situação de uso em que “*bless you*” seja equivalente ao termo “saúde” do português, entenderá que, naquele contexto, aquela expressão equivalente a usada em sua língua materna, mostrando que pode haver influências situacionais da L1 que contribuam para a construção de sentido na L2.

Há costumes característicos da cultura brasileira que, quando confrontados com a cultura de países faltantes da língua inglesa, causam estranhamento e, por consequência, comprometem a comunicação entre o aprendiz brasileiro com um falante nativo.

Um exemplo para essa questão é a variação de polidez presente na língua inglesa que é explícita através do uso dos *modal verbs*.

*Modal verbs often hedge or soften the force of a speech act which may threaten the listener's dignity or self-esteem. Past forms such as could instead of can, or would instead of will, or might instead of may, or wanted instead of want, can also soften speech acts and contribute to politeness.*³⁰ (CARTER; McCARTHY, 2006, p. 423)

Também existem variações de polidez na língua portuguesa, contudo, na entonação, ambientes e situações de uso apresentar-se-ão de forma diferente. Sendo assim, entender que os fatores culturais influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, bem como a aquisição do inglês, é fundamental para o desenvolvimento e adequação das atuais práticas de ensino e posturas dos aprendizes, escolas de idiomas e professores.

³⁰ Verbos modais frequentemente compensam ou suavizam a força do ato de fala que pode ameaçar a dignidade do ouvinte ou sua autoestima. Formas no passado como *could* ao invés de *can* e *would* ao invés de *will*, ou *might* ao invés de *may*, ou *wanted* ao invés de *want* podem também amenizar os atos de fala e contribuir para a educação.

3. As influências fonética e fonológica

Um dos fatores que aprendizes de línguas estrangeiras, em geral, mais apresentam dificuldade é a pronúncia da língua e, por consequência, o contraste dessa pronúncia com a da sua língua materna. Há variações de entonação, pontos articulatórios e volume entre uma língua e outra. Todavia, é importante destacar que qualquer indivíduo saudável tem condições físicas de produzir, com exatidão, enunciados em qualquer língua. Não há diferenças biológicas no aparelho fonador de pessoas falantes de uma língua para pessoas falantes de outras. O que de fato acontece na variação de pronúncia é uma questão cognitiva.

Quando defrontados com a afirmação, questionamos, então, o motivo para falantes do português como L1 terem dificuldades na produção de certos sons da língua inglesa e vice-versa. Palavras como *refrigerator* [refrigerador, geladeira], *athlete* [atleta], *thanks* [obrigado(a), agradecido(a)] e *red* [vermelho(a).] apresentarão dificuldade para a pronúncia por parte de falantes de português como língua materna, pois alguns de seus fonemas não existem na língua portuguesa e o procedimento tomado pelo aprendiz será o de aproximá-los dos sons da língua materna.

Para Azevedo (1942, p. 2), “*the learner initially processes and interprets those sounds in terms of his own phonological system*” [O aprendiz inicialmente processa e interpreta esses sons em termos de seu próprio sistema fonológico]. Partindo desse princípio, entender-se-á que a proximidade entre o sistema fônico de certas línguas pode facilitar o aprendizado, entretanto, quando existirem variações fônicas e fonemas diferentes na língua estrangeira em relação à língua materna, o aprendiz procurará preencher as lacunas interlinguísticas com os sons de sua própria língua.

Adultos terão mais dificuldade em produzir fonemas diferentes de sua língua materna, pois sua sensibilidade em relação aos novos sons é bem menor em relação às crianças.

Para Schütz (2012):

O adulto monolíngue, por já possuir uma matriz fonológica sedimentada, se caracteriza por uma sensibilidade auditiva amortecida, treinada a perceber e produzir apenas os fonemas do sistema de sua língua materna. A criança, por sua vez, ainda no início de seu desenvolvimento cognitivo, com filtros menos desenvolvidos e hábitos menos enraizados, mantém a habilidade de expandir sua matriz fonológica, podendo adquirir um sistema enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato. (SCHÜTZ, 2012)

Sendo assim, de acordo com o autor, a aquisição dos fonemas da L2 acontece com mais facilidade em crianças do que em adultos, pois os princípios e os parâmetros da língua materna não se encontram “enraizados” a ponto da criança não observar de forma crítica a diferença entre os novos fonemas e ter a sensibilidade de distingui-los.

Outra observação que merece destaque, apresentada por Krashen (1987 *apud* Schütz, 2012), é a relativo à teoria do filtro afetivo que explica que fatores psicológicos dificultam a aquisição da língua estrangeira como, por exemplo, o provincianismo³¹, que faz com que os aprendizes acreditem que não existe problema algum em aproximar os sons da L2 aos de sua L1.

Um falante de português L1 que, por provincianismo, feche o conceito de que ‘th’ em língua inglesa seja pronunciado como [t] devido a inexistência de um som representado pela letra [h], incorrerá em um erro; ao ler a palavra *three* [três], por exemplo, pronunciará a palavra tal como *tree* [árvore], causando um problema de compreensão.

Outro exemplo seria o de pronunciar o ‘r’ do inglês da mesma forma que se pronuncia o ‘r’ inicial em palavras do Português. Seguindo esse parâmetro, a leitura da palavra *red*, causaria outro problema de interpretação, pois a palavra seria lida tal como *head* [cabeça].

Portanto, o fator fonológico permeará a aquisição da linguagem e a língua materna influenciará diretamente na compreensão e aceitação dos fonemas que forem diferentes aos fonemas conhecidos. Essa influência pode ser maior ou menor de acordo com a relação estabelecida do aprendiz com a L2, sua idade e a quantidade de *input* recebido.

4. A influência morfossintática

Faz-se importante compreender que existe um princípio sintático em todos os aspectos linguísticos. Chega-se a esse raciocínio, partindo do ponto de vista de que a sintaxe consiste na articulação entre os elementos de uma língua.

Existe sintaxe entre os fonemas, que juntos formam elementos

³¹ [...] atitude de se fechar naquilo com que se identifica, seu jeito de ser e de falar; de se sentir inseguro fora deles – problema frequentemente observado em adolescentes. (SCHÜTZ, 2012).

mínimos significativos (morfemas), que juntos formam palavras que, articuladas, formam sintagmas, que articulados formam orações e assim por diante. Portanto, é justamente essa articulação de elementos um dos principais fatores para a aquisição da linguagem (AL).

De acordo com a teoria gerativista de proposta por Chomsky (2003), essa articulação de elementos acontece em nossa gramática interna e gera infinito número de enunciados. Ainda de acordo com a teoria, através de um número finito de elementos, é possível gerar um número infinito de enunciados.

All natural languages in their spoken or written form are languages in this sense, since each natural languages has a finite number of phonemes (or letters in its alphabet) and each sentence is representable as a finite sequence of these phonemes (or letters), though there are infinitely many sentences³².
(CHOMSKY, 2003)

Com base nisso, o dispositivo de aquisição da linguagem (DAL) tem papel fundamental nesse processo gerativo. Explica-se, dessa maneira, a fase de testes pela qual a criança passa em seu processo de aquisição da linguagem. O que acontece, de fato, é que essa criança está valendo-se de sua capacidade gerativa, efetuando combinações (cadeias sintáticas) a fim de identificar com quais delas foi possível estabelecer comunicação.

É justamente por conta do fator apontado acima que surge o princípio de gramaticalidade dos termos de uma dada língua. Nativos não infringem a gramaticalidade de sua língua materna, pois, em seu processo de aquisição, estabeleceu-se uma rede de combinações e esses foram expostos a quantidade de *input* suficiente para compreender com quais elementos e de que forma as estruturas de sua língua se articulam.

Aprendizes de línguas estrangeiras infringirão a gramaticalidade da língua alvo, pois, assim como a criança que experimenta combinações até estabelecer comunicação, fará testes. Entretanto, diferentemente da criança nativa, terá como escopo, nesse processo, sua L1 que junto aos *inputs* da L2 comporão sua interlíngua.

³² Todas as línguas naturais em suas formas faladas ou escritas nesse sentido, uma vez que cada língua natural tem um número finito de fonemas (ou letra em seu alfabeto) e cada frase é representada como uma sequência finita desses fonemas (ou letras), apesar de existir infinitamente muitas frases.

4.1. Relações lexicais e estruturais

Como comentado acima, a língua materna influenciará diretamente a aquisição de qualquer língua a qual, após a ela, o indivíduo seja exposto. Esse fenômeno faz com que a gramática interna desse indivíduo force-o a produzir enunciados com base nos *inputs* que já recebeu e nas estruturas que, culturalmente, fazem parte de suas vivências.

Em outras palavras, precisa-se entender que cada indivíduo tem, compondo sua GU, uma essência de costumes linguísticos próprios, tais como: a maneira como articula as palavras, entonação, jargões, uso de figuras de linguagem etc. Esses fatores influenciarão no uso de sua segunda língua, podendo apresentar-se de forma positiva (transferência) ou de forma negativa (interferência).

Se há um caso de semelhança, a regra da língua será transferida para a língua-alvo e o resultado será positivo. A isso damos o nome de “*transfer*”. Caso, porém, elementos e regras divergentes sejam confrontados, o aluno recorrerá à língua materna, não achará uma solução para o seu conflito e, certamente, cometerá um erro. Isso resulta em uma transferência negativa, a saber, “*interferência*”. (SPINASSÉ, 2009).

Analisando diretamente as relações estruturais entre língua inglesa e língua portuguesa, observamos que, no que concerne à sintaxe, as línguas apresentam características semelhantes como, por exemplo, a posição do sujeito sucedido de verbo e de complemento (ordem S-V-O). Logo, o falante do português, como língua materna, poderá compreender e produzir enunciados em inglês baseando-se nos princípios sintáticos de sua língua materna.

Outras características sintáticas e lexicais aproximam a língua como, por exemplo, as palavras de origem latina que compõem ambas as línguas. De acordo com Crystal (2012, p. 8), “*from a lexical point of view, English is, in fact, far more a Romance than a Germanic language*” [De um ponto de vista lexical, o inglês é, de fato, um romance (língua de origem românica) do que uma língua germânica].

É importante, porém, observar que há um traço maior de formalidade e variação de uso em grande parte das palavras de origem latina presentes no léxico da língua inglesa e que alguns sinônimos germânicos dessas mesmas palavras são usados de forma mais corrente. Sendo assim, mesmo que o aprendiz transfira uma unidade lexical cognata existente na L2, adequadamente, formando um enunciado gramatical, poderá ser interpretado equivocadamente ou, até mesmo, não ser interpretado por con-

ta de uma questão de registro³³.

O Phrasal Verb *sort out* [resolver] é sinônimo do verbo *resolve* [resolver]. Aprendizes iniciantes, caso não tenham sido expostos suficientemente a situações as quais o verbo *sort out* tenha sido usado, provavelmente, usará *resolve*, resultando em enunciados pouco frequentes, como “*We have to resolve the problem*” [Nós temos de resolver o problema].

Em uma breve análise nos resultados de um site³⁴ de pesquisas, foram encontrados aproximadamente 335.000.000 resultados para a entrada “*resolve the problem*” e aproximadamente 1.600.000.000 resultados para “*sort out the problem*”, mostrando-nos a ocorrência de certos cognatos latinos em relação a outros elementos lexicais de origem germânica.

Portanto, mesmo com as relações lexicais e a base sintática similar, existe, na língua inglesa, um número considerável de palavras de origens diferentes da língua portuguesa, *multi-word-verbs*³⁵, regência diferenciada para alguns verbos e sintaxe menos flexível do que a da língua portuguesa.

4.2. Contraste de estruturas sintáticas

Como descrito anteriormente, a sintaxe da língua inglesa é mais restrita no que diz respeito ao ordenamento dos termos do que a da língua portuguesa; portanto, por exemplo, um aprendiz iniciante produzirá a oração agramatical “**The boy good respects his teacher* [O menino bom respeita a sua professora]” pela interferência sintática de sua língua materna, pois, em português, mesmo havendo mudanças sutis de sentido, o uso do adjetivo frente ao sintagma nominal pode ser antes ou depois do termo a que qualifica ou, ainda, após verbos de ligação. A língua inglesa, apenas, permite o uso de adjetivos em função atributiva (antes do termo a que qualifica) ou predicativa (após verbo de ligação). Portanto, a oração

³³ Consideraremos aqui como registro as variações de formalidade e uso linguísticos inerentes aos diversos contextos formais.

³⁴ Para a constatação desses dados foi utilizado o site www.google.com em 30/08/2012.

³⁵ Grupo composto por *phrasal verbs* e *prepositional verbs* que são a combinação de verbos com partículas (advérbios ou preposições) e funcionam sintaticamente e semanticamente como uma única unidade lexical.

agramatical citada acima, tornar-se-ia gramatical pela inversão entre núcleo do sintagma nominal e adjetivo: “*The good boy respects his teacher* [O menino bom respeita a sua professora]”.

Nos parágrafos que seguem, faremos uma análise dos principais fatores de interferência sintática da língua portuguesa L1 na aquisição da língua inglesa L2, com base em observações feitas em salas de aula de idiomas e o proposto por Schütz (2008).

Em primeiro lugar, deve-se lembrar de, como visto no capítulo anterior, que a língua inglesa não apresenta característica *pro-drop*, ou seja, não haverá elipses de sujeito³⁶, o que fará com que produções espontâneas de aprendizes de inglês L2 incorram, na maioria das vezes, em enunciados agramaticais.

Analisando a frase “Comi pizza”, observa-se que o sujeito da oração apresenta-se elíptico desinencial. Essa não realização do sujeito não é permitida pela gramática interna da língua inglesa, sendo assim, a versão adequada da mesma seria “I ate pizza”.

Ainda a respeito da realização do sujeito, outro fato interessante é o das orações classificadas como orações sem sujeito, em função de verbos que indicam fenômenos da natureza. Como, por exemplo: “Choveu em minha cidade ontem” e “Está frio hoje”. A questão é que, em inglês, nesses casos, consideramos todos esses verbos regidos pelo pronome neutro ‘*it*’ [ele, ela, isso, lhe]. Desta maneira, a versão adequada para os exemplos comentados acima seria: “*It rained in my city yesterday*” e “*It is cold today*”.

Em segundo lugar, um fator que interfere diretamente na produção dos aprendizes de inglês L2 em níveis iniciais é a estrutura das orações interrogativas em língua inglesa, pois, no português, as orações interrogativas apenas são diferenciadas das afirmativas pela entonação diferenciada ascendente (quando se fala de discurso oral) e ponto de interrogação (quando se fala de discurso escrito).

A marca de interrogação, em inglês, é o uso do verbo auxiliar referente ao tempo verbal da oração precedendo o sujeito da oração e, sendo assim, caso um aprendiz estruture a oração interrogativa “**you live in Campo Grande?*”, esse estaria incorrendo em uma agramaticalidade, pois

³⁶ Salvo os casos de imperativo no quais haverá elipse de sujeito.

se faz necessário o uso do verbo auxiliar característico do tempo verbal anteposto ao sujeito. Portanto, “*Do you live in Campo Grande?* [Você mora em Campo Grande?]” apresenta-se como uma interrogativa adequada da língua inglesa justamente pela presença do verbo auxiliar “*do*”³⁷ diante do sujeito.

Em terceiro lugar, destacamos as características e comportamento sintático peculiares a alguns verbos da língua inglesa em contraste com alguns da língua portuguesa. O verbo *ter*, em língua portuguesa, carrega em si o sentido de possuir ou de existir, contudo, em inglês, existem duas formas diferentes para representar o mesmo verbo, pois, como é sabido, o verbo *ter*, no sentido de existir, não tem sujeito e, portanto, faz-se necessário o uso de outra estrutura lexical, pois, como já analisado anteriormente, a língua inglesa, com exceções de alguns casos, não aceita a indeterminação ou inexistência de sujeito. Sendo assim, quando o verbo *ter* se referir à posse, será traduzido por ‘*have*’³⁸ e, quando se referir à existência, assumirá a forma “*there to be*” atendendo aos padrões de conjugação e a flexão de pessoa.

Ainda é importante destacar que uma interferência sintática, bastante frequente no discurso de falantes de português L1, é o uso do verbo *have* ao se buscar expressar a idade em língua inglesa. Embora, em português, sejam usados os verbos “*estar*” ou “*ter*” para expressar idade, em inglês, apenas é aceito o uso do verbo *ser* (*be*) flexionado de acordo com a pessoa. Então, ao produzir o enunciado “**I have 21 years old*”, objetivando informar ao seu interlocutor que tem vinte e um anos de idade, o aprendiz de inglês L1 incorre a um erro de colocação verbal ocasionado pela influência negativa do verbo *ter*. Nesse caso, como já explicado, a colocação adequada seria “*I am 21 years old*”.

E, por fim, outro fator também decorrente das variações entre as línguas é a transferência de regras referentes a regência dos verbos.

Independentemente de conhecer ou não as regras da gramática prescritiva de sua língua, o falante, naturalmente, faz uso de uma gramática de uso, relacionada a sua GU. Baseado nessa gramática, falante, mesmo sem saber regras específicas, consegue avaliar a gramaticalidade de termos apenas por soarem bem ou mal aos seus ouvidos.

³⁷ Verbo auxiliar da língua inglesa característico do tempo verbal presente simples (Simple Present)

³⁸ Come, haver, ter, obter, querer, possuir, receber, gozar de. (Cf. bab.la *Dicionário*, 2012).

Contudo, muitas dessas regras de uso são transferidas para a língua alvo num processo interlinguístico natural, porém podem acontecer transferências ou interferências ao pensarmos nas preposições que regem certos verbos.

Os verbos ‘gostar’ e ‘andar’ são transitivos indiretos; ambos, portanto, são complementados pela preposição ‘de’ para que exerçam a regência. Entretanto, em inglês, os verbos equivalentes ‘like’ e ‘ride’ são intransitivos. Sendo assim, enunciados como ‘*I like to ride of a bike’ (ao invés de ‘I like to ride a bike [Eu gosto de andar de bicicleta]’) e ‘I like of ice cream’ (ao invés de ‘I like ice cream [Eu gosto de sorvete]’) são realizados por uma generalização relativa à regência dos verbos na L1.

Após analisar alguns dos fenômenos sintáticos que podem influenciar, de maneira positiva ou negativa, a produção de falantes de língua inglesa, conclui-se que, com base nas proposições de Chomsky (1995), existem princípios entre as línguas que, frequentemente, são relacionados e, em contra partida, existem, também parâmetros diferenciadores que são fixados pelo aprendiz em seu processo de aquisição de língua materna e acabam por interferir no processo de aquisição e produção de enunciados em L2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Karim Siebeneicher. *Influências interlinguísticas na mente multilíngue: Perspectivas psicolinguísticas e (psico)tipológicas*. 2011. 274 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em:

<[http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27123/TeseKari mBrito.pdf?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27123/TeseKari%20Brito.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 05-07-2012.

CARTER, R.; McCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English*. Cambridge University Press, 2006

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

_____. The independence of grammar. In: _____. *Syntactic Structures*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.

FIGUEIREDO, Francisco José. Aquisição e Aprendizagem de segunda língua. *Signótica*, Goiais, n. 7, p. 39-37, jan. 1995, jan./dez. 1995. Dispo-

nível em:

<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/7380/5246>>.

Acesso em: 03-02-2012.

HAVE. In: *Bab.La Dicionário*. Disponível em:

<<http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/have>>. Acesso em: 05-09-2012.

SCHÜTZ, Ricardo. *A idade e o aprendizado de línguas*. Disponível em:

<<http://www.sk.com.br/sk-apre2.html>>. Acesso em: 19-08-2012.

_____. *Contrastes gramaticais: Erros comuns a serem evitados*. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-apre2.html>>. Acesso em: 05-06-2012.

SPINASSÉ, Karen Pupp. As interferências da língua materna e o aprendizado do alemão como língua estrangeira por crianças bilíngues. *Pandaemonium Germanicum*, Rio Grande do Sul, p. 289-338, 16 abr. 2009. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2006/As_interferencias_da_Lngua_Materna.pdf>. Acesso em: 05-03-2012